



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 3 – MEDIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

**DA LEITURA DE MUNDO À LEITURA DA PALAVRA: A MEDIAÇÃO DA
INFORMAÇÃO SOCIAL À LUZ DAS TEORIAS DE PAULO FREIRE**

***READING THE WORLD AND READING THE WORD: MEDIATION, INFORMATION
SOCIAL AND THEORIES OF PAULO FREIRE***

Lidia Eugenia Cavalcante¹

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Busca relacionar as teorias freireanas ao campo da mediação e da informação social, mediante estudo das principais obras escritas por Paulo Freire. Objetiva compreender como se dá a mediação da informação em comunidades no que tange à realidade e à autonomia dos sujeitos. Para tanto, buscou-se conceituar informação social, o que se configurou em condição essencial para relacionar tais teorias, mediante pesquisa bibliográfica e revisão de literatura, cuja leitura nos permitiu desenvolver a análise de conteúdo textual. Para dar *corpus empírico* às teorias elencadas e sua inter-relação com a mediação da informação social, evidenciou-se experiências, práticas e vivências que articulam os conceitos nos campos pragmático e teórico e as relações que se estabelecem a partir do diálogo entre os indivíduos. Assim, apresenta-se a mediação da informação à luz das ideias freireanas, sob duas dimensões: a) as relações de *dialogicidade* e *politicidade* articuladas pelos dispositivos comunicacionais e, b) as práticas sociais de produção, apropriação e acesso à informação no contexto comunitário e dos movimentos sociais no âmbito da *leitura de mundo* realizada pelos indivíduos.

Palavras-chave: Teorias freireanas e informação social. Mediação da informação e do conhecimento. Informação social e ideias pedagógicas.

Abstract: *The aim is to relate the Freire's theories to the field of mediation and social information through the study of the major works written by Paulo Freire. It aims at understanding how is the intermediation of information in communities with regard to the reality and the autonomy of individuals who are transformed daily. Therefore, it has the purpose of conceptualizing social information that has been configured in an essential condition for linking these theories through the literature search and review, whose the reading has allowed us to develop the analysis of textual context. To give empirical corpus to the listed theories of*

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

Paulo Freire and its interrelation with the mediation of social information, it gave evidence to the experiences, practices and living experiences that articulate the concepts in pragmatic and theoretical fields by the participants in their daily realities, and the relationships established through the dialogue between individuals. Thus, we present the mediation of information in the light of Paulo Freire's ideas under two dimensions: a) the relationship of the dialog and political nature that are articulated by means of communication practices between individuals, and, b) the social practices of production, appropriation and access to the information in the community context and social movements in the context of the reading the world performed by the participants.

Keywords: *Freire's theory and social information. Mediation of information and knowledge. Information social and pedagogical ideas.*

1 INTRODUÇÃO

É de conhecimento de educadores e de pesquisadores das Ciências Sociais e Humanas, principalmente, que Paulo Freire e suas práticas pedagógicas transpuseram campos do conhecimento, espaços geográficos e tempo, ajudando a construir teorias, a fortalecer ações educativas e a desenvolver um método interdisciplinar, aplicado por educadores, agentes sociais, filósofos, antropólogos, profissionais da saúde, psicólogos, bibliotecários, somente para citar alguns. Por meio de suas teorias e práticas, fronteiras foram desfeitas em prol de uma *práxis social*, ao unir reflexão e ação transformadora, autônoma e de liberdade.

A problemática investigada nesta pesquisa busca respostas para as seguintes questões: quais as contribuições das teorias de Paulo Freire para o campo da informação social? Quais as categorias de suas ideias pedagógicas que sustentam, a nosso ver, a relação conceitual e epistemológica com a informação social? A partir dessas reflexões, como se dá a mediação da informação em comunidades no que tange à realidade e à autonomia dos sujeitos que se transformam cotidianamente?

Diante desses questionamentos, fomos buscar nas principais obras escritas por Paulo Freire os caminhos por ele percorridos na construção do seu pensamento político-educacional. Dentre essas, destacamos²: *Educação como prática de liberdade* (1965), *A pedagogia do oprimido* (1965), *A importância do ato de ler* (1982), *A pedagogia da esperança* (1992) e *A pedagogia da autonomia* (1996), que constituíram também o *corpus* referencial deste estudo.

Além disso, conceituar informação social à luz de autores comumente estudados na Ciência da Informação, se configurou em condição essencial para que pudéssemos relacionar

² Optamos por situar, nesse primeiro momento, as obras de Paulo Freire aqui citadas pelas datas em que foram escritas. Mesmos se no decorrer do texto utilizamos edições mais recentes.

tais teorias, mediante pesquisa bibliográfica e revisão de literatura, cuja leitura nos permitiu desenvolver a análise de conteúdo textual.

Conceituar informação social é um ato complexo, tendo em vista as múltiplas possibilidades que esse termo permite. Além disso, há também o fato de estar sempre em construção epistemológica e de envolver, de modo interdisciplinar, aspectos filosóficos e sociológicos oriundos de diversas disciplinas no campo das ciências sociais. Como salienta Cardoso (1994), o conceito de informação social traz consigo uma indefinição decorrente de sua abrangência e possibilidades plurais, que são marcas de seu objeto. Assim, ao analisarmos as diferentes circunstâncias em que a informação social se produz, optamos por trilhar os caminhos das ideias pedagógicas, marcadamente pelos estudos de Paulo Freire, assinalando pontos fundamentais que ressaltam a representatividade desse conceito no âmbito das práticas comunitárias de produção, acesso, circulação, mediação e apropriação da informação.

Para dar *corpus* empírico às teorias freireanas por nós elencadas e à sua inter-relação com a mediação da informação social, fomos buscar experiências, práticas e vivências que articulam os conceitos nos campos pragmático e teórico pelos sujeitos, em suas realidades cotidianas, e as relações que se estabelecem mediante a *dialogicidade* entre os indivíduos.

Assim, apresentaremos a mediação da informação social à luz das ideias freireanas, sob duas dimensões: a) as relações de *dialogicidade* e *politicidade* que se articulam mediante dispositivos comunicacionais entre os sujeitos, e, b) as práticas sociais de produção, mediação, apropriação e acesso à informação no contexto comunitário e dos movimentos sociais.

2 O PENSAMENTO FREIREANO E A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA

É difícil pensar a pedagogia brasileira, e mesmo a estrangeira, desde a segunda metade do século XX, sem as contribuições do pensamento de Paulo Freire (1921-1997). Podemos mesmo afirmar que suas contribuições à educação representaram, nas últimas décadas, um ato político emancipatório fundamental em torno do desenvolvimento de uma consciência crítica e política do povo brasileiro, que fora por muito tempo alijada. Vale afirmar que Freire é considerado, sem sombra de dúvida, o educador brasileiro mais reconhecido e estudado internacionalmente.

A teoria do conhecimento proposta por Freire para a educação apresenta uma ruptura com as concepções elitistas de uma prática educativa de exclusão e de opressão política, presentes na educação brasileira, posta em prática especialmente na segunda metade do século

XX, em prol de um movimento de autonomia, de liberdade e de emancipação para as camadas mais pobres da população. (LOIOLA e BORGES, 2012, p.174). Enquanto educador, Freire se recusava a praticar uma pedagogia de reprodução, distante da reflexão sobre a realidade política e a condição humana de seus educandos. (LOIOLA e BORGES, 2012, p.175).

Profundamente influenciado pelas ideias marxistas e, ainda, pela Teologia da Libertação, Freire desenvolve seu pensamento em meio aos movimentos populares e a Igreja Católica progressista, em momento político extremamente desfavorável devido à lógica de dominação instaurada e, em seguida, durante o regime militar que o levou para fora do Brasil e ao exílio por anos.

Como alfabetizador, Freire se lançara em um forte movimento cristão de alfabetização de adultos e de educação popular, que se desenvolveu pela América do Sul entre os anos de 1950 e 1960, refletindo um pensamento intelectual inspirado na filosofia francesa de pensadores como Emmanuel Mounier (1905-1950) e Louis Althusser (1918-1990) e do italiano Antonio Gramsci (1891 – 1937).

Em 1964, período de grande turbulência política e social no Brasil, Freire escreve a obra *Educação como prática da liberdade*, lançado no Chile, no ano seguinte, durante o período em que esteve exilado naquele país. É nessa obra que o autor expõe o método de alfabetização de adultos por ele desenvolvido, discutindo criticamente pressupostos políticos, filosóficos e históricos de uma prática emancipatória cujo golpe militar no Brasil havia interrompido.

Contrapondo-se a uma pedagogia tradicional massificante, vigente à época, Freire (1987), faz críticas contundentes e ressalta que é necessária uma educação libertadora para que os indivíduos se emancipem e tomem consciência de sua própria realidade.

[...] As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma “elite” que as interpreta e lhas entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida. E, quando julga que se salva segundo prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito. Rebaixa-se a puro objeto. (FREIRE, 1987, p. 43)

As ideias de Freire não nascem do pensamento abstrato ou de pura reflexão. Advêm da prática e da ação a partir dos círculos de cultura por ele implantados e da alfabetização de mais de trezentos trabalhadores rurais em Angicos, no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1963 e início de 1964, quando foi preso por realizar atividades consideradas subversivas pelo regime militar.

Ao refletirmos acerca da construção do pensamento e das ideias freireanas, nos cabe interrogar qual o lugar da informação em sua práxis político-pedagógica, pois a liberdade advém das formas autônomas como os sujeitos se apropriam do conhecimento. A educação é, portanto, um ato político de emancipação do sujeito que passa pelo acesso à informação. Nesse caso, a informação se torna problematizadora, o que é mediada pelo diálogo e pela consciência crítica e política que integra os indivíduos à realidade na qual estão inseridos.

Essas reflexões nos levam à *Pedagogia do Oprimido* (1987), uma das obras de Freire mais conhecidas e estudadas, na qual ele insiste que é necessária nova forma de se construir a educação, estabelecendo bases pedagógicas nas experiências dos sujeitos e na transformação da realidade opressora na qual as pessoas pobres estão submetidas. É nesse livro, também, que vem à tona suas ideias sobre educação bancária. Para ele, a pedagogia tradicional alicerça-se em um ensino opressor, cujo papel do aluno é de mero recebedor de informações e de absorção do conhecimento, sem questionamentos ou posicionamento crítico.

Não há como negar que, para Freire, a educação é verdadeiramente um ato político que se revela em cada ação do educador. É com esse pensamento que, décadas depois, ele escreve *A pedagogia da esperança* (1992). Nessa obra, o autor discorre em tom de desabafo:

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da herança crítica, como o peixe necessita da água despoluída. (FREIRE, 1992, p. 6)

Posteriormente, ao considerar o professor não como o centro do processo de ensino-aprendizagem, mas como um dos elementos edificantes do ato de ensinar, Freire escreve *A pedagogia da autonomia* (1996), dividida em três capítulos basilares: *Não há docência sem discência*, *Ensinar não é transferir conhecimento* e *Ensinar é uma especificidade humana*. O conteúdo dessa obra ressalta que o ato de ensinar, de aprender e de conhecer é um exercício de autonomia do educador e educando. Porquanto, dá liberdade ao discente para construir o seu próprio conhecimento. “Ensinar exige respeito aos saberes do educando” (1996, p. 16). Saberes construídos na prática comunitária, na realidade concreta e com criticidade. Dessa forma, é necessário reinventar práticas pedagógicas de modo a responder às necessidades da educação em seus mais diferentes contextos.

O grande desafio presente para se reinventar a educação está principalmente no âmbito de uma cultura hegemônica que não considera as diferenças entre os sujeitos e que ultrapassa

décadas. Muitas vezes, a escola não é percebida como espaço de diálogo, de construção cidadã e, principalmente, de consciência crítica e política que perpassa todo o processo educativo.

3 PAULO FREIRE: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO SOCIAL

O ser humano é histórico. Essa afirmação está carregada de sentidos e de possibilidades que alcançam as luzes e sombras percorridas por cada sujeito em sua trajetória de vida, seja ela individual ou em comunidade, por meio de questões políticas, sociais e culturais. De alguma forma, os indivíduos vivenciam experiências próprias e agregam às suas vivências um pouco do que fora vivido pelo outro, articulando cotidianos, memória, valores e reconhecimentos, muitos deles marcados por uma cultura plural, e mesmo de articulação de complexidades, diferenças e mudanças.

Assim, a construção do conhecimento, de acordo com Freire (1989), ocorre quando o sujeito começa a compreender criticamente que o ato de aprender se dá com base em dimensões políticas, sociais e culturais, alicerçadas no cotidiano. A aprendizagem nasce, portanto, do diálogo e das diversas formas de manifestação e de apropriação cultural que se revelam desde a infância.

Assim, na belíssima obra de Freire, *A importância do ato de ler*, escrita em 1982, o autor “relê” momentos de sua prática pedagógica, guardados na memória e vividos desde a infância, destacando que é necessário “[...] uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.” (FREIRE, 1989, p.9)

À leitura, em suas diferentes linguagens, verbais e não verbais, é fundamental a construção do conhecimento, desde que seja valorizada a compreensão crítica do leitor e o seu conhecimento de mundo que é determinante nas ideias de Freire, podendo ser visto em uma das suas afirmações mais conhecidas e citadas:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p.9)

Quando revisitamos nossas memórias, é possível reconhecer que o que construímos criticamente em relação ao conhecimento que possuímos está envolto no que somos e naquilo que experimentamos ao longo da vida. É lamentável que, em muitos casos, a escola não perceba as memórias pessoais e as vivências dos educandos como essencial à aprendizagem a partir de suas leituras de mundo e nas diversas linguagens por eles experimentadas e que devem dialogar entre si.

Na perspectiva da *dialogicidade*, uma das principais categorias das teorias freireanas, nascem as práticas sociais e culturais de mediação entre os sujeitos. Assim, o diálogo apresenta-se como essencial à construção e à apropriação do conhecimento, numa prática libertadora, na qual todos os indivíduos encontram-se inseridos e precisam se sentir valorizados. Do interesse em aprender, advém o desejo de conhecer. Dessa forma, quando o conhecimento proposto está relacionado às experiências, o processo de construção desse conhecimento não tem apenas a relevância teórica do discurso, situa-se, também, no lugar social dos envolvidos, reconhecendo aspectos da vida que são basilares para a compreensão da realidade apresentada nas argumentações, nos exemplos e nas linguagens.

3.1 CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO FREIREANO À INFORMAÇÃO SOCIAL

Da articulação entre a construção do conhecimento e as teorias freireanas apresentadas anteriormente advém, neste estudo, as reflexões que visam discutir tais teorias e suas contribuições à informação social.

Nossa opção para esta pesquisa é focar o conceito de informação social no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas que, por si só, já comportam um conjunto de possibilidades de diálogo com as ideias freireanas. Assim, entendemos que a compreensão do conceito de *informação* emana de estudos interdisciplinares que adentram às ciências sociais, bem como às ciências cognitivas e envolvem diferentes disciplinas e abordagens (VARELA; BARBOSA, 2016).

A informação social, portanto, faz parte do processo de comunicação cotidiana que ocorre entre os sujeitos e envolve interações sociais e trocas, fomentadas em situações diversas. *A priori*, toda informação possui caráter social, porém, ao evidenciarmos categorias de análise, o que se espera é que o campo semântico permita contextualizar o lugar de fala dos sujeitos, no qual a informação se processa e se instaura, bem como compreender os seus usos em cada disciplina que tenta explicar o fenômeno informacional.

Cardoso (1994, p.108) ao discutir o conceito de informação social destaca que,

Com efeito, a qualificação “social”, na medida em que podemos considerar como “social” qualquer processo de produção/organização/consumo de informação, uma vez que ele acontece entre grupos, segmentos, classes, - ou seja, a geração e apropriação de informações só ocorre no âmbito da sociedade, das relações sociais.

Há escolhas epistemológicas que, metodologicamente, auxiliam o pesquisador a aproximar o seu objeto de pesquisa de campos semânticos essenciais para a explicação do fenômeno estudado. Nesse contexto, é necessário o reconhecimento de condicionantes conceituais para pensar o conceito de informação a partir dos usos sociais da linguagem, como destaca González de Gómez (2012).

A ação de informação seria assim aquela realizada por atores sociais em suas práticas e atividades, ancoradas culturalmente numa forma de vida e geradas em comunidades epistêmicas ou configurações coletivas de relações intersubjetivas. No contexto sócio-cultural, uma ação de informação poderá orientar-se preferencialmente em direção a processos de objetivação (uso representativo da linguagem) ou oferecer garantias performáticas à busca de entendimento mútuo (uso comunicativo da linguagem). (GONZÁLES DE GÓMEZ, 2012, p.27). (grifo da autora)

A informação social, portanto, encontra-se, com todas as evidências, ligada à linguagem, imbricada que está nos processos de caráter social que envolvem os sujeitos em suas dinâmicas cotidianas. A releitura dessas linguagens, portanto, se dá com foco nos dispositivos comunicacionais presentes na dialogicidade das manifestações humanas comunitárias, como *corpus* da produção de saberes de um discurso que se constrói inicialmente sem a presença de contextos analíticos ou arcabouço conceitual que, para González de Gómez (2012), se estabelece associada a processos de socialização e transmissão cultural.

A informação tem sido considerada, com maior frequência, associada à transmissão cultural e aos processos de socialização e formação de identidades. Hoje, porém, a informação remete aos modos e problemas da integração social, na medida em que aumenta a dependência e interdependência entre diferentes atores e contextos sociais, entre diferentes saberes, setores de atividade e funções de produção e de gestão. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p.28)

Ainda refletindo sobre o conceito de informação social, destacamos três dimensões evidenciadas por Cardoso (1994) que são a *historicidade*, a *totalidade* e a *tensionalidade*. No âmbito da historicidade, a informação é compreendida ao longo de um tempo histórico, que acumula saberes/vivências/experiências/conhecimentos sobre a sociedade e sobre si próprio. Em relação a totalidade dos fenômenos sociais, compreende-se que a sociedade se estrutura

organicamente levando à necessidade de se estudar um fenômeno social imbricado em seu contexto cultural, político, econômico etc. Já a tensionalidade está presente entre os grupos em um terreno de disputa hegemônica e de relação de poder.

É imperativo, portanto, que a interação que se estabelece entre os sujeitos em comunidade permita ao campo do saber popular a possibilidade do aprender a aprender e da convivência. Neste plano, o processo comunicacional que se estabelece visa instaurar a sociabilidade autônoma dos agentes em prol da construção da informação social e de suas subjetividades, com especificidades culturais e históricas do vivido, das experiências, trocas e narrativas, presentes nos modos de viver e de habitar um espaço/tempo.

En ese espacio social lo importante son las personas, el interactuar dialógicamente em el ethos comunitario, dialogar en sus prácticas culturales, políticas y socioinformativas, revelar la constitución de la identidad de los sujetos y la comunidad, donde la dimensión comunitaria es el momento fundacional de la estructura social. De esta manera la cultura y la política son indisolubles.³ (RENDÓN-ROJAS, GARCÍA-CERVANTES, 2012 p. 32)

A *dialogicidade* no pensamento freireano, ponto fundamental no processo de comunicação da informação social, surge das práticas discursivas entre os sujeitos e das linguagens pragmáticas expressas pela memória, cultura, tradições e contextos, podendo ser evidenciadas nas palavras de Marteleto (2006, p.181):

A linguagem adquire fundamental importância para que se estabeleça uma interação comunicativa. Cada agente, no cotidiano das práticas e vivências nas redes de mobilização de recursos materiais e simbólicos, precisa levar em conta as experiências e perspectivas do outro. Cria-se uma interação linguística, que traz para o campo do popular a possibilidade de entendimento do conhecimento das técnicas e das ciências, sob duas óticas distintas: a) pelo seu teor prático-informacional, ou seja, como *benesse* ou produto de consumo para dar curso às ações e decisões; b) pelo seu teor simbólico, como formador de dignidade e valorização humanas, e da consciência de pertencimento a uma “sociedade do conhecimento”.

A informação social nasce, portanto, de um ato dialógico que se estabelece entre os indivíduos na vida gregária e comunitária. Não pode haver, nessa ação, um sujeito passivo, pois “[...] a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito.” (FREIRE, 1987, p.67)

³ Neste espaço social o importante são as pessoas, interagir dialogicamente em um *ethos* comunitário sobre práticas culturais, políticas e socioinformativas, revelando a constituição da identidade dos indivíduos e da comunidade, onde a dimensão comunitária é o momento fundador da estrutura social. Nesta cultura, caminho e política são inseparáveis.

Outra dimensão das teorias de Freire que contribui para a conceituação da informação social está na *politicidade* que advém do diálogo. Assim, é possível afirmar que todo ato comunicacional e pedagógico possui caráter político.

A construção do conhecimento é problematizadora como um ato político. Embora, muitas vezes, o próprio ato político possa ser manipulado ou fruto da alienação, a politização deve ser entendida como um processo de conscientização do sujeito, por meio de questionamentos sobre a realidade social em diferentes dimensões que envolvem os indivíduos em sua vida gregária.

Ao destacar as dimensões *dialogicidade* e *politicidade* no âmbito da informação social, percebemos que ambas se tornam possíveis mediante processo de mediação como uma construção plural e argumentativa entre os sujeitos. Nesse caso, entendemos que a mediação é uma construção humana estabelecida com função social e cultural, sobre a qual nos debruçaremos a seguir.

4 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO SOCIAL À LUZ DAS IDEIAS DE PAULO FREIRE: aproximações com a realidade cotidiana da produção e apropriação do conhecimento

A mediação da informação é um tema que vem sendo bastante discutido, de modo interdisciplinar, entre pesquisadores, principalmente da área da Ciência da Informação e da Comunicação. Podemos afirmar que, ao falar de mediação, encontramos um vasto campo de estudos que envolve amplas possibilidades de diálogo entre informação, comunicação, tecnologia, cultura, educação etc.

As bases conceituais que nos auxiliam a pensar a ideia de mediação da informação social vêm, especialmente, dos estudos da comunicação, da cultura, da filosofia e da história, pois o indivíduo é, por si só, mediado pelo contexto cultural e social no qual encontra-se inserido. Isso posto, Caune (2014) adverte que a mediação cultural, para além da organização das formas de cultura e da comunicação, ela é a própria estetização de apresentações das atividades ou representações, cuja materialidade de significantes e manifestações se constrói mediante sentimento de pertença em contextos de referência.

Do ponto de vista freireano, são as interações que ocorrem entre os sujeitos que permitem a eles produzirem e apropriarem-se do conhecimento, ou seja, permitem transformar a realidade que os oprime em um processo de reconstrução social que, de acordo com Varela e Barbosa (2016, p.48),

O sujeito reconstrói, no plano das formas e das representações, aquilo que é retirado do plano das ações por meio das relações de causalidade, de reversibilidade, de classificação, de tempo, de espaço, das leis, das teorias e dos sistemas explicativos. A construção dos conceitos espontâneos e científicos pela relação mediador e mediado desempenha papel decisivo na conscientização do sujeito a respeito de seus processos mentais.

Cabe refletir que, nas formas de representação dos sujeitos em sua vida comunitária e gregária, há pontos de referência que se estabelecem a partir de suas relações entre o habitat, as relações familiares, o trabalho, a transmissão de saberes e os modos de comunicação simbólicas (CAUNE, 2014). Além disso, há, também, as aspirações individuais e os interesses pessoais e grupais que são observáveis nos membros de uma comunidade por meio das forças sociais, políticas e culturais que se estabelecem. “Notadamente, a mediação é um fenômeno relacional instaurado entre seres humanos, de modo dialógico, cuja característica primordial é a diversidade da coexistência nos espaços do cotidiano.” (CAVALCANTE, 2015, p.402)

Para melhor situarmos tais reflexões e afirmações, trazemos como estudo empírico uma ação inovadora de práticas de mediação da informação social e educativa, de caráter e iniciativa populares, desenvolvida em municípios cearenses: o Programa de Estímulo à Cooperação na Escola (PRECE)⁴. Trata-se de ação educativa popular, não formal, cuja origem data de 1994. Naquele ano, sete jovens da zona rural, diante das dificuldades enfrentadas no ensino formal público e suas deficiências, ocuparam uma “casa de farinha”⁵, no município de Pentecostes, Ceará, para estudar em grupo e de forma independente, almejando o tão sonhado desejo de entrar na universidade.

Manoel Andrade, filho de agricultores, saiu cedo de Cipó para estudar na capital. Aluno de escola pública, encontrou em um grupo de estudo o apoio que precisava para ingressar no curso de química da Universidade Federal do Ceará (UFC). Como professor da UFC, tornou-se conhecido na região onde nascera. Nos campos de várzea, encontrou jovens que ansiavam por continuarem a estudar, compartilhou a sua experiência e sugeriu a criação de um grupo estudo. Aceita a proposta, o grupo se reunia, inicialmente, à noite, à luz de um lampião. Não tardou para o estudo ser em regime integral e a casa de farinha transformar-se em moradia. Escolheram estudar e viver em comunidade. A Igreja Presbiteriana Independente – Congregação Cipó era local de sustentação espiritual e, com as famílias da localidade, colaborou para a permanência do grupo na casa de farinha. Em 1996, veio o primeiro resultado, Francisco Antônio foi aprovado em primeiro lugar, para o curso de pedagogia da UFC. (PRECE, 2016)

⁴ Para conhecer mais sobre o PRECE, consultar <http://www.prece.ufc.br>

⁵ Casa de Farinha é a denominação dada ao local onde se transforma a mandioca em farinha. Esse espaço é bem emblemático do sertão nordestino e de suas fazendas, sendo de importância cultural e social para os trabalhadores rurais. A mandioca é um histórico alimento e ingrediente importante da culinária brasileira.

O estudo em grupo, não sistematizado a princípio, se dava de modo intuitivo, participativo e autônomo e, à medida que o tempo passava, mais estudantes eram aprovados em universidades. O *precista* – como eram chamados os estudantes oriundos do PRECE – após aprovado para o ensino superior, em gratidão, retornava para dar a sua contribuição ministrando cursos preparatórios para os demais.

O retorno, a gratidão, o compromisso individual e a cooperação tornaram-se componentes dessa metodologia não formal. O grupo ampliou-se, mas não existia um nome à coletividade que formaram. Em 1998, a antiga Casa de Farinha, agora nomeada informalmente como Casa do Estudante, abrigou a Assembleia de Constituição do Projeto Educacional Coração de Estudante. Surgiu o nome PRECE com a sua primeira significação. (PRECE, 2016)

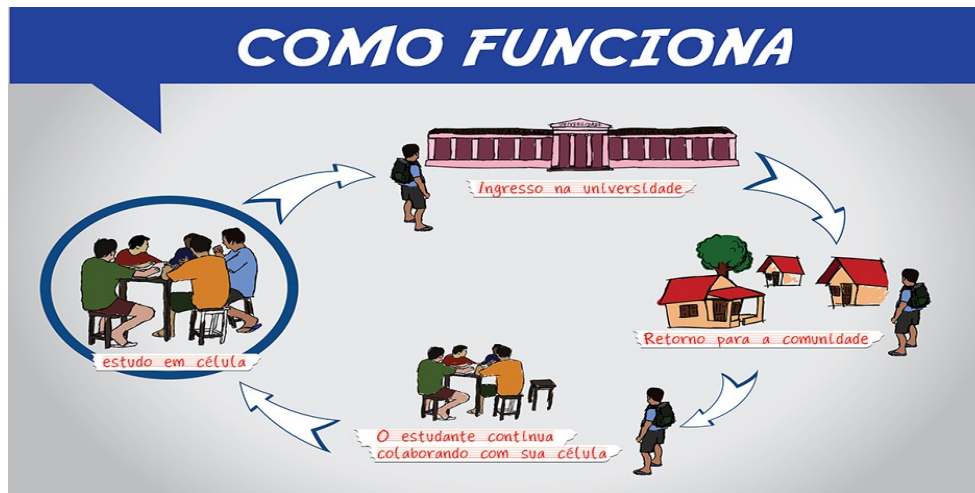
Com o passar dos anos, o PRECE foi crescendo e se fortalecendo social e politicamente no município de Pentecostes, passando a atender dezenas de jovens que trocavam experiências e conhecimentos. Assim, tornou-se necessário ampliar as iniciativas, o que levou à criação da Escola Popular Cooperativa (EPC), dando origem ao projeto Incubadoras de Células, passando a realizar ações também em outras localidades do Estado. Atualmente, o PRECE tem parceria com a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC/CE) que, juntos, criaram o Programa de Estímulo à Cooperação na Escola Pública.

Ao aproximar-se da escola pública, o PRECE passou, também, a apoiar a educação básica formal, por meio de metodologia da Aprendizagem Cooperativa e projetos extensionistas da UFC, levando graduandos de diversos cursos da Universidade a desenvolverem projetos ativos de participação social e boas práticas de atuação e formação profissional a serviço da comunidade, atuando como facilitadores. Além disso, os estudantes universitários, oriundos de situações similares àquela dos demais estudantes da escola pública, se apresentam como exemplos de superação, o que gera estímulo e motivação. Desde o início do projeto, e de seus primeiros resultados, mais de quinhentos estudantes oriundos do PRECE já ingressaram em universidades.

Os projetos, elaborados pelos bolsistas, devem auxiliar a construção de um ambiente escolar *público, democrático, que estimule a participação social e promova a autonomia intelectual*. Para alcançar a excelência acadêmica com equidade, a escola precisa ser estruturada como um espaço promotor de relacionamentos positivos, saudáveis e igualitários. Professores e alunos são responsáveis pelo êxito do desenvolvimento cognitivo. A cooperação e a solidariedade, percebidas como elementos pedagógicos, estimulam o protagonismo estudantil. O diálogo e o questionamento são elementos articuladores desse processo de ensino e aprendizagem, o estudante torna-se

agente responsável pela própria formação e colaborador do professor. (PRECE, 2016)

Figura 01 – Aprendizagem cooperativa (PRECE)



Fonte: <http://www.prece.ufc.br/>

Dentro de uma instância discursiva política, o conhecimento é construído e socialmente partilhado, não de forma redutora, mais de modo dialético e dialógico no qual reverberam dimensões históricas e políticas. Diante dessas possibilidades de intervenção nos campos social e político, a mediação, em sua dimensão relacional, se dá entre indivíduo/grupo, pessoas/instituição, espaço/tempo e necessita, de acordo com Caune (2012), de um olhar crítico que auxilie no entendimento de suas práticas e intervenções simbólicas. Como destaca Cavalcante (2015, p. 404), “A concepção de mediação aqui tecida e articulada, leva em consideração a dialogicidade entre os discursos político, social e cultural que entremeiam o processo de comunicação entre os sujeitos.”

Mesmo compreendendo que a mediação é uma prática que se dá no terreno da dialogicidade, é importante salientar que a emergência da linguagem fará toda a diferença, pois, segundo Malheiros (2010, p.3),

A mediação manifesta-se na emergência de uma linguagem, de um sistema de representações comum a toda uma comunidade, a toda uma cultura. E, ao mesmo tempo, esse sistema de representação gera um sistema social, coletivo, de pensamento, de relações, de vida, ou seja, uma sociabilidade, que corresponde a uma forma de identificação social e é equivalente, na lógica da pertença, à identificação simbólica ao outro na lógica da filiação e da subjetividade. Entenda-se por sociabilidade o conjunto de representações, de condutas e de práticas pelas quais uma pessoa é reconhecida como pertencendo a uma mesma sociedade.

Ao aplicarmos às práticas pedagógicas do PRECE àquelas estudadas anteriormente, referentes ao pensamento de Paulo Freire, destacamos:

Dialogicidade: Está presente como condição primeira de interação e de mediação entre os sujeitos sociais. Ao ser uma das primeiras teorias da prática pedagógica de Freire, nasce das práticas sociais de mediação entre os indivíduos no cotidiano, nas vivências e valores que marcam a territorialidade, as reivindicações e o respeito à diversidade e às diferenças.

É por meio do diálogo que ocorre a interlocução e onde são geradas as parcerias institucionalizadas. Vale salientar que essa mediação se dá, hoje, especialmente pelo uso da internet, mediante redes sociais estabelecidas, que favorecem a comunicação. Movimentos sociais da natureza do PRECE não ocorrem mais somente de forma presencial, como no período em que foi criado. É preciso destacar a existência de fóruns virtuais, redes de colaboração, divulgação e, especialmente, de captação de recursos, de sustentação e de visibilidade.

As redes, por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados – dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações -, e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores. Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos, o encontro e o confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspectos de cidadania vêm permitindo aos movimentos sociais passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural. (SCHERER-WARREN, 2006, p.116)

A reflexão crítica sobre mediação dialógica se faz necessária aos estudos dessa natureza, pois é ela que irá permitir a construção da informação social e do discurso da igualdade e da diferença, em seus diferentes aspectos, por parte dos sujeitos nos espaços cotidianos. “Se a igualdade é uma construção social e política, a diferença na igualdade também o é. Porém, se a igualdade, para se impor, depende muito da mediação do Estado, a diferença depende muito da ação da sociedade civil, não raro, dos movimentos sociais.” (MARTINS, 2009, p.51)

O diálogo surge da práxis. Assim, para Freire (1987, p.91),

O diálogo é este encontro dos homens, imediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito.

A *dialogicidade* é, portanto, um ato solidário entre os sujeitos, que dá a um e a outro o direito à palavra, à voz, a uma relação de humanidade, de igualdade e de diferenças. O diálogo é, portanto, ação educativa por excelência.

Politicidade: Embora alargado quando se trata de comunidades, este conceito em Freire, aplicado à educação, é essencial quando se refere aos movimentos sociais. Nasce, também, da ação dialógica que, segundo ele, todo ato educativo é também um ato político (FREIRE, 1965), pois é uma marca fundante à organização. É por meio da politização que ocorrem as formas de articulação locais entre as quais está o PRECE, que buscam desenvolver entre si o empoderamento dos atores sociais.

A *politicidade* também é a expressão da diversidade e da autonomia desses movimentos em relação ao Estado e a outras esferas públicas ou privadas, mesmo quando as parcerias são importantes para o crescimento e abrangência das ações. Também é importante na identificação dos sujeitos coletivos e de lideranças, responsáveis pela manutenção de valores e objetivos comuns ao grupo. Assim, articulam-se para constituir identidades e referências.

Leitura de Mundo: O PRECE parte das experiências de mundo - da “*palavramundo*”- de cada indivíduo envolvido em suas práticas cotidianas, pedagógicas, sociais, culturais e políticas. O compartilhamento da informação e do conhecimento está associado à realidade dos sujeitos, suas vivências e valores, cultura e interesses. A educação alcança seus objetivos principalmente se estiver associada à realidade e os indivíduos integrados e envolvidos no processo de aprender e de se reconhecer no que é ensinado.

Assim, é por meio da mediação de saberes que o conhecimento se constrói na metodologia empregada pelo PRECE. A ênfase do ensino é no educando enquanto sujeito da aprendizagem, que aprende a pensar criticamente a realidade e não a reproduzi-la simplesmente. A aprendizagem não pode estar dissociada da existência humana, pois cada indivíduo tem algo a contribuir. Há, portanto, um contexto histórico-cultural que se torna presente. A leitura de mundo é, nesse sentido, passo necessário ao método de Paulo Freire, pois situa o lugar de fala de cada sujeito, não como mero expectador, mas como protagonista da realidade.

[...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “*escrevê-lo*” ou de “*reescrevê-lo*”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, p.11)

Assim, a emancipação do educando ocorre para além da sala de aula e do campo cognitivo, perpassando dimensões políticas, sociais e culturais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa, ao buscar aproximar as teorias freireanas dos estudos sobre mediação da informação social, não pretende engessar uma prática educativa ou mesmo informacional, visto que muitos pensadores das ideias pedagógicas trouxeram contribuições essenciais para o desenvolvimento de processos pedagógicos e que são continuamente estudados na Ciência da Informação. Tem o intuito, portanto, de evidenciar relações claras com as ações que ocorrem em comunidades, ainda hoje marcadas por desigualdades e diferenças, demonstrando que o pensamento de Freire ainda é muito atual, especialmente nas zonas rurais do Nordeste brasileiro, aonde o autor iniciou as suas práticas educativas.

Nessa perspectiva, este estudo apresentou algumas contribuições do pensamento freireano à mediação e à construção da informação social, a partir de um quadro de referência que se evidenciou pela leitura das obras de Paulo Freire. Dentre as dimensões elencadas para essas reflexões, elegemos a *dialogicidade*, a *politicidade* e a *leitura de mundo* que, segundo nossa análise, representam as maiores contribuições do autor ao processo de mediação da informação.

A *Dialogicidade* é um dos principais desafios percebidos no ensino-aprendizagem, pois ainda é difícil reconhecer e dar voz ao papel que o educando tem nesse processo. A pluralidade de vozes e suas diversas manifestações e linguagens, mesmo favorecendo ecossistemas educacionais, ainda representa uma barreira à produção da informação e do conhecimento não sistematizados, pois a sistematização e a formalidade ainda não assimilaram o caráter livre da educação contemporânea.

No âmbito da *Politicidade*, o dinamismo da educação e o envolvimento dos sujeitos tanto na produção quanto na apropriação da informação não podem ser cerceados. As práticas pedagógicas e informacionais não devem ser simplesmente instrumentais, pois como é demonstrado no PRECE, a pluralidade dos espaços, as experiências e saberes dos envolvidos representam uma prática libertadora e de autonomia que levou ao sucesso do objetivo almejado pelos jovens: entrar na universidade pela aquisição de conhecimentos. Nessa perspectiva, a politização dos indivíduos, com métodos simples e não formal de ação pedagógica e de acesso à informação, mediante diálogo, possibilitou o desenvolvimento de

práticas educativas transformadoras, ampliando as concepções relativas ao direito à Educação e à Informação.

Quanto à *Leitura de mundo*, não resta dúvida sobre a sua importância na sociedade atual. Não há como dissociar vida e realidade do ensino-aprendizagem. A educação não pode ser reduzida a processos de escolarização e de educação formal, pois as mudanças oriundas do mundo moderno levam ao reconhecimento de que a prática pedagógica se dá no terreno da autonomia e da liberdade. A mesma afirmação vale, também, para as práticas de mediação, de circulação e de apropriação da informação, pois o acesso ao conhecimento deixou de ser um ato puramente formal para adentrar no campo das ideias relativas a um dado contexto e cotidiano. A realidade tem incorporado marcas argumentativas às práticas informacionais comunitárias que não pertencem somente ao ambiente tradicional de acesso ao conhecimento como escolas e bibliotecas. Por conseguinte, ações comunitárias que se vinculam às iniciativas populares têm alcançado resultados excepcionais em ambiências do cotidiano: nas ruas, igrejas, centros comunitários, associações, grupos artísticos e culturais etc.

É, portanto, sob essas circunstâncias que a informação social vai sendo produzida, trabalhada e mediada para o empoderamento comunitário, como tão bem defendeu Paulo Freire, como uma espécie de resposta dos indivíduos à sociedade da informação, especialmente como um contraponto às questões econômicas, políticas e sociais.

REFERÊNCIAS

CAUNE, J. **Cultura e comunicação**: convergências teóricas e lugares de mediação. São Paulo: Unesp, 2014.

_____. Préface. In.: LAFORTUNE, J-M. (Dir.). **La médiation culturelle**: le sens des mots et l'essence des pratiques. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2012.

CARDOSO, A. M. P. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.107-114, jul./dez., 1994.

CAVALCANTE, L. E. Diálogos entre informação social, mediação cultural e comunidade. In.: BELUZZO, R.C.B.; FERES, G. G.; VALENTIM, M.L.P. (orgs.). **Redes de conhecimento e competência em informação**: interfaces da gestão, mediação e uso da informação. Rio de Janeiro: Interciência, 2015. p.399-413.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONZÁLEZ DE GOMÉZ, M. N. As ciências sociais e as questões de informação. **Morpheus** – Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Rio de Janeiro, ano 09, n.14, 2012. p.18-37.

LOIOLA, A.F.; BORGES, C. Paulo Freire ou quand l'éducation devient un acte politique. GAUTHIER, C.; TARDIF, M. (Orgs.). **La pédagogie**: théories et pratiques de l'Antiquité à nos jours. 3 ed. Montréal: Gaëtan Morin éditeur, 2012.

MALHEIROS, A.; RIBEIRO, F. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da Informação**. Recife: Nectar, 2010.

MARTELETO, R. Por uma outra epistemologia social: conhecimento e informação em redes sociais. In: GONZÁLEZ DE GOMÉZ, M. N.; ORRICO, E. G. D. (Orgs.). **Políticas de memória e informação**: reflexos nas organizações do conhecimento. Natal: EdUFRN, 2006. p. 171-190.

MARTINS, J. de S. A diferença contra as desigualdades: as identidades sociais dinâmicas. In.: CAVALCANTI, J. S. B.; WEVER, S.; DWYER, T (Orgs.). **Desigualdade, diferença e reconhecimento**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009. p.49-66.

PRECE. Programa de Estímulo à Cooperação na Escola. Disponível em: <http://www.prece.ufc.br>. Acesso em 05 ago. 2016.

RENDÓN-ROJAS, M. A.; GARCÍA-CERVANTES, A. El sujeto informacional en el contexto contemporáneo. un análisis desde la epistemología de la identidad comunitaria-informacional. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 17, n.33, p. 30-45, jan./abr., 2012.

SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Fortaleza, v.21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

VARELA, A. Varela; BARBOSA, M. L. A. Convergências entre a Ciência da Informação e as Ciências Cognitivas. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 46-60, jan./jun. 2016.